

MULHERES DA PERIFERIA DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: DESAFIOS E APRENDIZADOS DA ATIVIDADE DE TRABALHO

*Regiany Silva de Freitas com
Aline Kátia Melo, Bianca Pedrina e Lívia Lima¹*

Este texto relata uma atividade de trabalho realizada pelo coletivo Nós, mulheres da periferia que, março de 2015, foi contemplado pelo edital VAI (Valorização de Iniciativas Culturais) da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, com o projeto Desconstruindo Estereótipos. Por meio do recurso disponibilizado pela Secretaria, o coletivo promoveu uma série de oficinas a fim de discutir a representação da mulher da periferia veiculada pela grande mídia, com moradoras de diferentes regiões periféricas de São Paulo. O projeto culminou com a produção de uma exposição multimídia elaborada a partir desses encontros.

O testemunho que se segue é um relato sobre as atividades envolvidas nesse trabalho e o modo como as integrantes do coletivo, do qual sou uma das cofundadoras, se organizaram para sua realização. Início pela história do grupo e do projeto; em seguida, relato as etapas das ações desenvolvidas, destacando alguns desafios e aprendizados; e encerro com entrevistas realizadas com três outras integrantes do coletivo, sobre suas experiências e percepções da ação.

1. História do coletivo

O Nós, mulheres da periferia é composto, atualmente, por sete mulheres que atuam na área de comunicação - seis jornalistas e uma

¹ Testemunho de Regiany Silva de Freitas, seguido por entrevistas, conduzidas por ela, com Aline Kátia Melo, Bianca Pedrina e Lívia Lima, em 05 de dezembro de 2016, São Paulo, Brasil.

designer - e habitam em bairros da periferia de São Paulo. Todas eram, e algumas ainda o são, correspondentes comunitárias da Agência Mural, um projeto de jornalismo hiperlocal², que reúne comunicadores moradores de bairros de diversas periferias da capital e região metropolitana de São Paulo. O objetivo dessa agência é produzir notícias e contar histórias sobre esses bairros e seus moradores que vão além da visão carregada de preconceitos e estereótipos do noticiário geral.

Em março de 2012, quatro das sete integrantes do coletivo foram convidadas pela editora da Agência Mural, na época ainda um blog hospedado na Folha.com, para escrever um texto em homenagem ao Dia Internacional da Mulher. A proposta era que as correspondentes contassem um pouco sobre como é ser uma mulher da periferia, a partir das suas experiências e histórias de vida. Com o título “Nós, mulheres da periferia”, o texto foi publicado como artigo de opinião na seção Tendências e Debates do jornal Folha de S. Paulo, em 7 de março de 2012.

A publicação obteve grande repercussão, tanto entre os leitores do jornal, quanto por parte de movimentos sociais e moradoras da periferia. No Itaim Paulista, zona leste de São Paulo, o artigo foi lido em um sarau feminino. Nas redes sociais, foi altamente compartilhado, principalmente por muitas mulheres que, em suas postagens, se colocavam também como coautoras do texto. Nas mensagens, elas diziam se sentir “finalmente muito representadas”. Esse engajamento social foi o ponto de partida para a existência do coletivo.

O grupo percebeu que era necessário falar sobre periferia, a partir da dimensão feminina e evidenciar as particularidades de ser uma mulher moradora dessas regiões, dado o fato de que, na grande mídia, os espaços reservados às histórias dessas personagens é sempre carregado de estereótipos, ou, simplesmente, não existem. Assim, em março de 2014, depois de um longo período de pesquisa, planejamento e alinhamento das expectativas e desejos, o coletivo

² Jornalismo voltado aos interesses locais de uma determinada comunidade com o objetivo de incentivar o engajamento dessa comunidade por meio da circulação de informações a respeito do território e da realidade nos quais ela se insere.

nasce oficialmente nas redes sociais, carregando o mesmo nome do artigo de 2012: “Nós, mulheres da periferia”.

Outras cinco mulheres, também correspondentes do Mural, se reuniram ao grupo inicial, somando, assim, nove fundadoras: Jéssica Moreira, de Perus, zona noroeste; Semayat Oliveira, do Jardim Miriam, zona sul; Cíntia Gomes, do Jardim Ângela, zona sul; Bianca Pedrina, de Carapicuíba, Grande SP; Mayara Penina, de Paraisópolis, zona sul; Priscila Gomes, da Vila Zilda, zona norte; Regiany Silva, Cidade Tiradentes, zona leste; Livia Lima, do Jardim Nordeste, zona leste; e Aline Kátia Melo, da Jova Rural, zona norte.

O coletivo surge com a missão de ocupar esse espaço vazio de representação das mulheres da periferia na mídia, com um jornalismo produzido por e para mulheres da periferia.

2. História do projeto Desconstruindo Estereótipos

A ideia do projeto Desconstruindo Estereótipos surgiu quando a Rede Globo lançou a minissérie *O sexo e as negas*, dirigida por Miguel Falabella, em setembro de 2014. O programa provocou uma certa inquietação no grupo, por trazer um retrato de mulheres negras, moradoras da periferia do Rio de Janeiro, a partir do olhar de um diretor homem, branco e rico. Ao mesmo tempo em que trazia o protagonismo de mulheres negras, também reforçava estereótipos negativos que circulam na grande mídia: negras no papel de empregadas domésticas, disponíveis ao sexo, com corpos hipersexualizados, explorando de forma jocosa os diversos contextos de vulnerabilidade e preconceitos em que elas estão socialmente inseridas.

Movimentos sociais ligados à questão de raça se manifestaram publicamente, na época, repudiando o programa. Diante desse cenário, o Nós, mulheres da periferia considerou que sua maior contribuição deveria ser problematizar tais questões com as próprias moradoras dessas regiões, preferencialmente, as que não estivessem envolvidas em movimentos sociais organizados e com pouco acesso às redes sociais. Um grupo muito significativo quando consideramos a audiência desse tipo de programação - as donas de casa, mulheres que

consomem, majoritariamente, os produtos da TV aberta. Esse desejo de aproximação interpessoal também partiu da percepção de que o conteúdo produzido pelo coletivo circulava muito em mídias digitais, mas não conseguia alcançar essas mulheres que, na maioria das vezes, não tem acesso, hábito e, até mesmo, tempo de acessar o jornalismo online produzido pelo Nós.

Surge, então, a ideia de realizar uma série de rodas de conversas nas periferias que, a princípio, traria trechos da minissérie para serem analisados e debatidos em grupo, com o intuito de tentar entender em que medida a narrativa produzida pela Rede Globo representava as mulheres da periferia. A ideia foi amadurecida e transformada coletivamente pelo grupo até tornar-se o projeto escrito no fim do mesmo ano.

A proposta definida não considerava mais as rodas de conversa, mas uma série de oficinas que possibilitasse a ampliação da discussão, incluindo a oferta de aprendizados relacionados à produção de mídia, como oficinas de fotografia. E além de provocar a análise e discussão da minissérie *O sexo e as nega*, seriam apresentados vários produtos da grande mídia, como reportagens de jornais impressos e televisivos, revistas, novelas, minisséries, comerciais etc. O fechamento do projeto se concretizaria pela produção de uma exposição que contasse todo processo realizado e apresentasse o material produzido durante as discussões nas oficinas.

Intitulada Desconstruindo Estereótipos, a proposta foi inscrita no edital VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, no início de 2015, e uma das contempladas com a verba de R\$ 30.000,00. A partir daí, o coletivo passou a gerir um projeto que envolvia atividades de trabalho muito novas e de naturezas muito distintas. Sair das normas escritas e apresentadas à Secretaria para a ação no território e na realidade da atividade de trabalho foi um processo de constantes renormalizações.

3. Relato das atividades

As atividades foram realizadas em três etapas, desde a organização do trabalho à curadoria da exposição.

3.1. Etapa 1

3.1.1. Organização do trabalho

A primeira necessidade foi a de nos dividir em grupos de trabalho, porque a natureza das atividades era distinta e algumas precisavam ser concomitantes. O trabalho era diferente daquele que o coletivo estava acostumado a fazer, na sua rotina de jornalismo - entrevistar, investigar, pesquisar, produzir matérias e publicar. Desta vez, era necessário organizar uma agenda de oficinas, fazer parcerias com instituições para conseguir público, construir a metodologia da oficina, mobilizar as pessoas a participarem, coordenar esses encontros, fazer a gestão do recurso financeiro, realizar compras, contratar parceiros, prestar contas, entre muitas outras atividades.

Considerando as necessidades do projeto e as habilidades e interesses de cada integrante, criamos nessa etapa os seguintes grupos de trabalho (identificados como GT, a partir daqui): secretaria, responsável por articular e montar uma agenda de oficinas com organizações que já tivessem um espaço físico em bairros de periferia; recursos, responsável pela compra de equipamentos e materiais para a realização das oficinas, além de cuidar da contratação de parceiros; e metodologia, responsável pela concepção das oficinas.

Os três grupos atuavam ao mesmo tempo e realizavam, uma vez por semana, uma reunião via Skype para atualizar o andamento das atividades. É importante destacar que o coletivo não possui sede e quase todo o trabalho é realizado remotamente, com comunicação predominantemente online.

Apesar do pré-estabelecimento das tarefas, a renormalização de uma delas foi quase imediata: a prestação de contas à secretaria, que deveria ser realizada duas vezes ao ano, ficou à cargo de apenas uma de nós, escolhida a partir de duas características essenciais para a atividade: organização e disciplina.

3.1.2. Pré-produção das oficinas

A organização de parcerias, da qual se encarregou o GT secretaria, se deu com seis organizações de diferentes bairros, que atenderam a alguns critérios selecionados pelo grupo: serem localizadas em bairros da periferia de São Paulo, nas três regiões da

cidade onde se concentram as maiores porções periféricas, zonas leste, sul e norte, e desenvolverem algum trabalho voltado às questões de gênero com grupos de mulheres, ou ainda, escolas que se interessassem em tratar dos temas com seus alunos. Fechamos parcerias com as seguintes organizações: Casa das Crioulas – Perus, na zona noroeste; Casa Viviane dos Santos - Guaianases, zona leste; Associação de Mulheres Amigas de Jova Rural - Jova Rural, zona norte; União Popular de Mulheres - Campo Limpo, zona sul; Cieja Campo Limpo - Capão Redondo, zona sul; e CEU Três Pontes - Jardim Romano, zona leste.

Paralelamente às atividades do GT secretaria, o GT metodologia desenhou o seguinte roteiro das oficinas: realização de dois encontros de 4h cada em cada organização parceira, com grupos de 10 a 15 mulheres. O roteiro das discussões, focado nos três eixos de representação da mulher da periferia - gênero, classe social e raça –, previa dois momentos: no primeiro encontro, discussão e análise de narrativas midiáticas ficcionais (novelas, seriados e programas de entretenimento) e de peças publicitárias (comerciais de tv e anúncios) e, em seguida, exercícios de autorretratos em tela, desencadeados pela reflexão sobre as questões “Quem eu sou?” e “Como eu gostaria que o outro me visse?”.

O segundo encontro previa a análise de narrativas jornalísticas (reportagens de tv, jornais online e revistas) e, a seguir, uma oficina de fotografia, ocasião em que as mulheres tirariam fotos umas das outras a partir da reflexão sobre a seguinte questão: “Qual história da minha vida deveria virar uma notícia?”.

Para o desenrolar das oficinas, a metodologia previa a seguinte divisão de trabalho: duas integrantes do coletivo exerceriam o papel de facilitadoras das oficinas, a fim de mediar a conversa, estimular a discussão, apresentar os materiais e organizar as atividades, enquanto outra deveria realizar a função de relatora, aquela que faria o registro escrito do encontro. Ainda em relação às oficinas, o GT recursos ficou responsável por adquirir equipamentos e materiais, como projetor, notebook, máquinas fotográficas, telas para pintura, tintas, etc., materiais que o coletivo não dispunha anteriormente. Esse grupo ficou também responsável pela contratação de fotógrafas para apoiar em

algumas etapas das oficinas e da equipe de filmagem, responsável por registrar as oficinas e produzir as entrevistas pós-oficinas.

Apesar das atividades de trabalho terem sido divididas por grupos, a integração entre os grupos foi de extrema importância, porque uma atividade dependia da outra para se concretizar.

3.2. Etapa 2

3.2.1. Realização das oficinas e alguns aprendizados

Assim que as agendas foram fechadas com as organizações, passamos para a atividade de realização das oficinas baseadas na concepção feita pelo GT metodologia.

Foi então que nos deparamos com os primeiros desafios reais da atividade trabalho, no momento de transformar o planejamento em ação. As primeiras dificuldades tinham a ver com questões logísticas, como a dificuldade de transportar os equipamentos e os materiais no transporte público, a distância entre a casa de cada uma de nós e as organizações que visitamos; em certos dias a viagem demorava cerca de três horas só na ida. E essa dimensão do trabalho só foi materializada quando iniciamos a atividade. Havíamos antecipado muitas ações, mas outras só surgiram no aqui do cotidiano.

Outras dificuldades logísticas foram surgindo: o desafio com a agenda das organizações – tivemos de adaptar, quando possível, nossos horários de trabalho com os horários com as disponibilidades de cada uma delas. A maioria dos espaços com os quais fechamos parceria recebe mulheres durante a semana e em horário comercial. Isso ocasionou algumas dificuldades com a distribuição da equipe: quando uma de nós não conseguia liberação no trabalho, como previsto, outra precisava cobrir esse espaço e, às vezes, se deslocar para uma região muito mais distante daquela prevista. Fizemos um grande malabarismo de agendas do começo ou fim do projeto.

Mas, sem dúvida, o grande ponto de renormalização da nossa atividade de trabalho aconteceu com a metodologia das oficinas: muitas das normas que autoprescrevemos na etapa 1, no GT metodologia, precisaram ser renormalizadas porque cada organização, cada grupo de mulheres, demandou uma dinâmica diferente e única. Também não foi possível manter a mesma carga horária em todos os

encontros, cada organização tinha uma disponibilidade de tempo própria, em algumas, não conseguimos ter contato com o mesmo grupo de mulheres nos dois dias, em outras, sequer conseguimos realizar dois encontros.

A cada oficina, procurávamos mudar a atividade a partir das renormalizações da oficina anterior. Sempre acontecia algo novo, as infidelidades do meio. Em uma delas, por exemplo, a turma era composta por 40 mulheres, muito mais do que o previsto, e não tínhamos materiais suficientes para a realização das oficinas de fotografia e pintura, o que nos levou a uma nova decisão na hora: propusemos que escolhessem uma atividade que gostariam de fazer, de modo a conseguirmos atender a todas.

Costumamos dizer que se continuássemos fazendo oficinas, teríamos aprendido depois da centésima, mas, sabemos bem que o maior aprendizado foi entender que cada situação de trabalho é única, que o planejamento antecipa muitas situações, mas nunca dá conta das variáveis que só a própria atividade é capaz de trazer.

3.2.2. Entrevistas pós-oficinas

Nessa etapa criamos um novo GT, o de vídeo, que ficou responsável pela produção das entrevistas pós-oficinas, entre as atividades estavam a elaboração do roteiro e as gravações. A ideia era realizar entrevistas com um grupo formado por duas representantes de cada espaço visitado, sobre suas histórias de vida, sonhos e reflexões sobre a mídia. E esse material também iria compor a exposição.

Para escolher as mulheres que gostaríamos de entrevistar, estabelecemos o seguinte critério: ter um grupo composto, em sua maioria, por mulheres negras (a maioria das participantes das oficinas eram negras e essa representatividade era importante para o grupo), de diferentes faixas etárias e oriundas das três regiões visitadas. A integração com a proposta do projeto durante as oficinas foi levada em conta.

Assim, ao final dos encontros, escolheríamos duas participantes e faríamos o convite para entrevistá-las em suas casas, em data a ser agendada. Conseguimos entrevistar nove mulheres no mês seguinte à realização das oficinas.

3.3. Etapa 3

Curadoria da exposição Quem Somos [POR NÓS]

O encerramento do projeto previa a construção de uma exposição multimídia, onde iríamos apresentar o resultado do projeto. A ideia era transformar os discursos que circularam durante os encontros, as pinturas em tela, as fotografias, e as entrevistas em vídeo em um conjunto que pudesse ser visto como uma obra artística assinada pelas cerca de 100 mulheres, com as quais tivemos contato.

Para isso, foi necessário fazer a curadoria dos materiais produzidos nos encontros, a edição desses conteúdos em formatos que pudessem ser expostos de maneira a atender o objetivo de uma exposição artística. Além de conceber a própria estrutura da instalação que receberia esses materiais.

Essa etapa envolveu atividades como pesquisa, direção de arte, contratação de serviços terceirizados, compra de materiais para montagem da estrutura e peças da exposição, escolha dos conteúdos a serem utilizados e edição desses conteúdos, entre eles textos, fotografias e vídeos.

Durante dois meses trabalhamos para a realização desta etapa, enquanto concluíamos as gravações das entrevistas e organizávamos a prestação de contas para a secretaria, uma atividade que ficou, de certo modo, paralela, mas que demandou um acompanhamento constante da integrante responsável em todas as atividades realizadas pelos GT's, pois era necessário manter o controle de entrada e saída dos recursos financeiros.

Por fim, a exposição foi inaugurada no mês de novembro de 2015, e permaneceu em cartaz durante 30 dias, no Centro Cultural da Juventude Vila Nova Cachoeirinha, na zona norte.

4. Outras vozes do coletivo

Até aqui relatei as três principais etapas da atividade desenvolvida, a partir da minha perspectiva como participante do grupo, destacando alguns desafios e aprendizados conquistados durante o caminho. A partir daqui, trago as vozes de outras integrantes

do coletivo por meio de uma entrevista realizada com três delas: Aline Kátia Melo, Bianca Pedrina e Lívia Lima.

Cinco perguntas nortearam nossa conversa, com o intuito de conhecer mais de perto o modo como cada uma vivenciou essa experiência e o que mais foi desafiador e transformador no processo.

4.1. Qual foi o maior desafio do projeto para você?

Aline Kátia Melo (A): O meu maior desafio pessoal foi lidar com a questão do tempo e logística. Como eu era a única pessoa dentro das nove integrantes do coletivo que estava desempregada, eu era a pessoa que tinha mais tempo livre. Assim eu participei de cinco, das seis oficinas. Não participei da oficina do CIEJA Campo Limpo, mas estive nas outras cinco.

Como moradora do extremo norte, para participar das oficinas no Jardim Romano no extremo leste, optei por passar a noite na casa de uma das integrantes que morava mais próximo ao local para estar mais perto e não correr risco de atraso, caso ocorresse algum problema no trem por exemplo.

Para explicar melhor a minha questão individual, explico a questão coletiva. O desafio foi lidar com tempo pessoal de cada uma, para ver quem poderia faltar no emprego para participar das oficinas, pois a maioria dos locais funcionava apenas nos dias de semana e em horário comercial, o que fez a gente se desdobrar. Nessa época o coletivo tinha nove integrantes, mas como a maioria das oficinas foi realizada em dias de semana, com quase todas trabalhando em seus respectivos empregos, era necessário que se combinasse com antecedência quem poderia faltar no trabalho para ir à oficina. Então, por oficina tínhamos no máximo quatro integrantes. A primeira oficina foi a única realizada em um dia de final de semana do mês de junho, e foi a única que contou com a presença de oito, das nove integrantes. A integrante que faltou estava concluindo um ano de intercâmbio na Irlanda e começou a participar das oficinas a partir do mês de agosto, poucos dias após desembarcar no Brasil. A questão de lidar com as férias de trabalho de cada uma. Se a pessoa queria ou não dar o tempo das suas férias pessoais para o coletivo, ou se precisava de descanso, e

consequentemente um afastamento. A questão como cada uma encara seu trabalho, no sentido de conseguir ou não folga para as oficinas e outras necessidades vindas da montagem da exposição, após as seis oficinas realizadas com dois dias cada uma, resultando em doze saídas. E depois a montagem e desmontagem da exposição. A montagem foi realizada em dia de semana, véspera de feriado. A desmontagem foi realizada no último dia da exposição. Nos dividimos para levar os materiais para nossas casas (fotos, telas e outros adereços menores). A estrutura maior da exposição ficou no Centro Cultural da Juventude na Cachoeirinha (tecidos e canos utilizados para fazer as paredes da exposição que dividiram os espaços e sustentaram as fotos e telas).

Bianca Pedrina (B): O trabalho multidisciplinar e lidar com as minhas preceptivas que por vezes eram colocadas à prova. O desafio maior foi saber lidar com cada história, independente da narrativa, como se fosse única e especial, e descobrir essa importância em cada sorriso, cada lágrima, cada tela pintada. Ver importância em narrativas que ninguém via foi desafiador.

Lívia Lima (L): O projeto todo foi um grande desafio, desde a concepção da proposta, a construção da metodologia das oficinas, e a execução do trabalho, que nos exigiu muito tempo e empenho. Acho que a iniciativa de sair da ação de apenas produzir jornalismo e se aventurar em atividades socioeducativas ao qual nos arriscamos a fazer foi um grande desafio. Além disso, participar da montagem de uma exposição e transformar o resultado das oficinas em uma instalação artística foi muito desafiador porque lidei com algo totalmente novo e diferente do que já havia feito antes.

4.2. Qual a principal transformação que esse projeto promoveu em você?

A: A oficinas trouxeram oportunidade de nos colocar em contato com público de mulheres mais velhas que não teriam oportunidade de nos conhecer pela nossa página ou site na internet. Tive a oportunidade de conhecer bairros, associações de mulheres. Conhecer e ouvir histórias de muitas mulheres que eu não teria conhecido se não fosse pelo projeto. Conseguir desenvolver habilidades diversas, desde me colocar

como oficina até como desmontadora, coisas que nunca havia feito. Enxergar a potência e alcance do coletivo durante todo o processo até o término da exposição.

B: Mesmo sendo mulher da periferia tenho privilégios que muitas outras mulheres que também estão e vivem nessa realidade não tem. Estar junto delas foi me redescobrir. Houve em mim uma reflexão profunda de que toda a história é importante, só depende de como você conta. Tornar visível e além disso, tornar relevante quando o padrão diz que não, é transformador.

L: A principal transformação foi o do sentimento de igualdade em relação às mulheres com as quais nos envolvemos. No contato com elas, não nos apresentamos de forma a ensiná-las como se fossemos superiores, pelo contrário, estabelecemos vínculos e nós aprendemos muito com elas. Acho que depois disso eu me coloco de outra forma em minhas relações pessoais e profissionais com as mulheres que encontro, entendendo que é importante ser mais escuta e compreensão antes de qualquer coisa. E eu ampliei mais meu olhar e atenção para os detalhes, para entender que toda mulher é importante e que todas as histórias merecem ser contadas. Além disso, o trabalho coletivo, apesar de todos os problemas que tivemos, nos fez amadurecer enquanto grupo.

4.3. Você se lembra de episódios em que as coisas não saíram como nós planejamos? Como se sentiu e como reagiu nessa situação? Dê um exemplo.

A: A primeira oficina na Casa das Crioulas em Perus foi a única que teve pré-inscrição. Dentre as inscrições recebidas, nós escolhemos as participantes que fossem mulheres da periferia, havia inscritas de outras regiões. Só que no dia da oficina, as pessoas que haviam se inscrito não compareceram e o público foi composto por mulheres que participavam da Casa e que foram contatadas pela Manoela (dona da casa) no dia da primeira oficina. Nenhuma delas retornou no segundo dia, que coincidia com a Virada Cultural de São Paulo, mas nós fomos, fizemos nosso trabalho e lidamos com as mulheres que lá estavam, uma delas, a mais nova a participar das oficinas era a Renata

de 17 anos, que depois foi uma das nove mulheres que entrevistamos, Renata foi uma surpresa muito agradável nesse percurso de mudanças.

Outro desafio foi dar as oficinas num período de tempo mais curto, principalmente quando o tempo era pequeno e o público grande (Jova Rural e Ceu Três Pontes). Escrevemos o projeto pensando numa carga horária de oito horas, dividida em dois dias de quatro horas, e em alguns locais tivemos que reduzir esse tempo pela metade, fazendo dois dias com duas horas cada. Vendo o quanto a oficina estava longa e complicada para ser realizada em dois dias devido a toda a logística, reescrevemos a metodologia para oficinas mais curtas diminuindo as atividades propostas na metodologia inicial. Ganhamos muito jogo de cintura ao lidar com diversos tipos de problemas e imprevistos.

A oficina do Ceu Três Pontes foi prevista para dois sábados, e um dos dias teve que ser remarcado para dia de semana. Como não eram sempre as mesmas pessoas, às vezes a gente se perdia em alguns detalhes (esquecer de levar autorizações de uso de imagem em branco e ter que pedir xerox no local onde estávamos, não encontrar as autorizações assinadas, por não saber quem ficou com elas ou onde elas ficaram. Ao esquecer de levar cabo HDMI, extensão, adaptador de tomada, pedíamos emprestado nos locais. Um dia alguém tirou as canetas da mala e não devolveu, tivemos que pedir para as mulheres assinarem as autorizações de uso de imagem com lápis. Todas as oficinas foram gravadas por dois homens que contratamos, depois eles também participaram do processo de gravar as nove entrevistas extras feitas com as mulheres, nós faríamos com doze mulheres, mas algumas faltaram e mantivemos o número de nove mulheres, por falta de tempo de fazer mais entrevistas.

Foi um desafio também realizar as oficinas com muitas senhoras, como na Jova Rural e no Ceu Três Pontes, já que nossa proposta inicial era de até 15 mulheres por oficina. Conseguimos fazer a oficina funcionar realizando algumas adaptações. Na Jova Rural, por exemplo, poucas mulheres quiseram fazer o exercício do autorretrato em tela e nós aceitamos a decisão delas, até com um pouco de alívio pois estávamos com poucas telas na mala, por outro lado, o engajamento delas foi maior na oficina de fotografia.

O desafio de lidar com o dinheiro do projeto, visto que foi o primeiro edital conquistado pelo coletivo, que nunca havia lidado antes com um volume de dinheiro de trinta mil reais. Conforme o projeto se aproximou da etapa de montagem da exposição, foram aparecendo itens que não havíamos considerado no orçamento inicial. Começamos a nos reunir para discutir se o dinheiro ia dar ou não. Cogitamos a ideia de realizar um financiamento extra, mas como seria algo trabalhoso e não tínhamos braços para nos dedicar a uma campanha, optamos por não nos remunerar. Assim, todo o dinheiro recebido foi gasto com o projeto, sem nos remunerar como havíamos proposto no orçamento. Legalmente no projeto nós assinamos recibos, mas usamos esses valores para cobrir todas as despesas do projeto.

A logística de realizar cada oficina, levar e buscar as duas malas com o material nos locais, e de um lugar para o outro. Quem do Nós iria de carro buscar ou levar as malas. Três pessoas do coletivo conseguiram usar carro próprio ou de alguma familiar para realizar esse transporte, e algumas vezes ele foi feito de táxi.

B: Particularmente a montagem não ter sido concluída um dia antes, conforme tínhamos planejado me atrapalhou bastante. Também me incomodava querermos mudar toda a hora o caminho da instalação que comportava a exposição. E não termos pensado em pessoas que entendesse mais de equipamentos eletrônicos para montagem. Reagi procurando ajudar no que era preciso, mesmo não sabendo executar.

L: Acho que um dos dias mais difíceis foi quando fomos fazer em um sábado uma oficina no Jardim Romano que acabou não acontecendo. Eu tive que ir de carro sozinha, peguei muito trânsito, estava com muita dor de cabeça, me perdi e acabei entrando em algumas ruas que pareciam perigosas, e fiquei com muito medo de acontecer alguma coisa. Depois de dar muitas voltas consegui achar o CEU Três Pontes, a oficina acabou não acontecendo porque ninguém apareceu. Foi difícil lidar com a frustração e depois tivemos que ir novamente até o local.

4.4. Quais novas habilidades e/ou competências você descobriu e/ou desenvolveu durante o projeto?

A: O processo foi muito grande, de repente de jornalistas passamos a oficinas, produtoras culturais, etc. Entramos em contato com um mundo que não fazia parte do nosso dia a dia. A gente foi aprendendo tudo na prática.

Devido a minha disponibilidade de tempo eu me vi muito determinada participando do processo inteiro, apesar do cansaço e das minhas frustrações pessoais, pois foi uma grande conquista, uma grande vitória coletiva, num ano que senti falta de ter alguma realização pessoal individual.

Por ter participado de quase todas as oficinas fiz muita relatoria durante os encontros em que estive presente, o que facilitou bastante o trabalho de identificar falas potentes que foram transformadas nos lambe-lambes, ou foram parar dentro das garrafas ou penduradas na parede. Também ajudei a identificar as mulheres com falas mais potentes e convidá-las a participar da entrevista individual em vídeo, explorando um pouco mais algumas falas ditas durante a oficina, foi o caso da Dona Carolina na Jova Rural que fez um relato de racismo sofrido num cinema na Cidade de Presidente Prudente. Ivoneide e Rosana do Ceu Jardim Romano, que falaram bastante desse local na mudança de vida delas, a partir da educação e das atividades físicas coletivas.

B: Descobri que sou capaz de lidar com fornecedores, que sou capaz de ser oficinaira, mesmo não tendo certeza se é isso que eu quero para vida, e aprendi a trabalhar melhor em equipe, aprendi a ouvir mais e ser mais persistente.

L: Acho que consegui me desenvolver mais como facilitadora em oficinas, em discussões e apresentações em público que é uma coisa que eu antes me sentia mais insegura. E também aprendi e desenvolvi gosto por produzir eventos, pensar no conceito, estrutura, atrações, administrar todas as necessidades para que o lançamento da nossa exposição fosse um bom evento.

4. 5. *Que atividade de trabalho do projeto se aproximava mais da atividade de jornalista, e qual mais se distanciava?*

A: As atividades que mais se aproximaram da atividade de jornalista foram participar da gravação das entrevistas individuais, decupar vídeos dessas entrevistas, fazer a relatoria das oficinas, separar as frases de impacto nos vídeos gravados das oficinas, conhecer as mulheres, os locais, captar as particularidades de cada oficina, de cada grupo de mulheres, de cada etnia, de cada faixa etária, estar atenta a tudo que ia acontecendo durante os processos. Ensinar e estar próxima das mulheres durante o manejo das câmeras fotográficas no exercício de fotografia. Participar dos debates realizados nas oficinas, instigando as mulheres, perguntando a elas suas impressões e opiniões sobre material de vídeo exibido com um apanhado de representações estereotipadas de mulheres negras e periféricas coletados da televisão, nos jornais, novelas, publicidade, notícias, seriados e programas de entretenimento.

As atividades que mais se distanciaram foram a parte logística de levar os materiais, agendar as datas de oficinas nos espaços, comprar e organizar os lanches das oficinas. E a parte mais manual, operacional de montar e desmontar a exposição. Encaixar e desencaixar tecidos em canos, pendurar e despendurar materiais, montar e desmontar caixotes de madeira que protegeram os televisores que exibiram as nove entrevistas.

B: A que se aproximou foi a troca de conhecimento, experiência histórias que tivemos com essas mulheres por meio das oficinas, entrevistas e também por meio da exposição. As que se distanciaram, foram as coisas mais ligadas aos contatos que fizemos com associações, pagamentos de fornecedores essas coisas mais administrativas.

L: Acho que em todo o processo das oficinas desenvolvemos o ouvido atento para as histórias das mulheres que encontramos e esse foi um exercício que aperfeiçoou meu trabalho como jornalista, parecido com o de fazer entrevistas. Acho que o mais se distanciava foi o trabalho que tivemos com logística, organização para transporte, locomoção para a realização das oficinas, além da montagem e desmontagem da

exposição no CCJ, em que tivemos que ligar cabos, colar lambes, carregar os materiais pesados.

Considerações Finais

Conforme mencionamos no início, o projeto nasceu do desejo de viver mais de perto o território, de dialogar com mulheres, donas de casa, avós, mães, que, por vários motivos, não têm acesso às mídias digitais. Nosso maior ganho foi chegar até essas mulheres, com a ajuda de organizações parceiras que compartilharam conosco seu espaço e seu público.

Com a exposição, conseguimos não só materializar parte daquilo que produzimos com elas, mas também atingir o público de uma maneira diferente, mais concreta. As mulheres que participaram das oficinas puderam visitar a exposição, ver seus nomes nas obras, sentirem-se artistas e corresponsáveis pela produção.

Nossos desafios foram constantes, tivemos de aprender e realizar atividades muito novas e, algumas delas, distantes da prática de nosso trabalho formal como comunicadoras. Desde a concepção da metodologia das oficinas, à contratação dos serviços, à curadoria da exposição até à gestão financeira, vivemos um processo com muitos equívocos, conflitos e aprendizados.

Quando da escritura do projeto, definimos certos parâmetros e expectativas, estipulamos um cronograma de trabalho e atribuições para cada uma de nós etc., mas, na atividade, na aderência, as renormalizações se sucederam, individualmente e coletivamente. Encontra-se aí o maior aprendizado do coletivo. Entendemos que toda atividade é única, que entre aquilo que foi concebido na desaderência e o efetivamente realizado há uma grande distância, mas, sem as normas antecedentes, não teríamos um caminho para trilhar.